Revista Transmutare
ISSN: 2525-6475

https://periodicos.utfpr.edu.br/rtr

Narrativas (auto)biográficas nas aulas de história da educação: percursos metodológicos e formativos no curso de pedagogia da FFP/UERJ

Marilene Antunes Sant`Anna
mari.historia2015@gmail.com
https://orcid.org/0000-0002-5045-5738
UERJ-FFP, São Gonçalo, Rio de Janeiro, Brasil

Igor da Fonseca Gouveia Bezerra
igorFGouveiaBz@gmail.com
https://orcid.org/0009-0009-0499-689X
UERJ-FFP, São Gonçalo, Rio de Janeiro, Brasil

Lorrane Lima Fardim
lorranelfardin@gmail.com
https://orcid.org/0009-0004-8877-1535
UERJ-FFP, São Gonçalo, Rio de Janeiro, Brasil

Raphael Luís de Farias Silva
rphllfs9@gmail.com
https://orcid.org/0009-0001-5517-3211
UERJ-FFP, São Gonçalo, Rio de Janeiro, Brasil

RESUMO

Este artigo tem como finalidade a descrição de uma experiência de *pesquisaformação* ocorrida no âmbito dos debates e atividades das aulas de História da Educação do curso de Pedagogia da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Trata-se de uma investigação, com base na abordagem das histórias de vida, que tem o propósito de acompanhar as experiências retidas por estudantes ingressantes na universidade sobre suas trajetórias educacionais e a escolha pela graduação de Pedagogia. Afirma-se aqui que a narrativa (auto)biográfica traz contribuições para a área da História da Educação à medida que surgem lembranças e modos de conceber os próprios processos de aprendizagem, escolarizados ou não, que são recorrentes nas práticas que demarcam a história da escola e da educação brasileira. Além das possibilidades de diálogo com temáticas da área, uma ampla produção nas pesquisas educacionais tem demonstrado como processos de (auto)biografização na formação inicial colaboram para dar sentido às experiências e escolhas vividas, contribuindo para o processo formativo e na prática docente. No que se refere aos referenciais metodológicos, apoiamo-nos nos trabalhos de Conceição Evaristo (2007), Larrosa (2011;2022), Nóvoa e Finger (2014), Josso (2010;2020), Motta e Bragança (2019).

PALAVRAS-CHAVE: História da educação. (Auto)biografias. Formação docente. Pesquisa-formação. Curso de Pedagogia.

INTRODUÇÃO

> "Mas digo sempre: creio que a gênese de minha escrita está no acúmulo de tudo que ouvi desde a infância. O acúmulo das palavras, das histórias que habitavam em nossa casa e adjacências. Dos fatos contados a meia voz, dos relatos da noite, segredos, histórias que as crianças não podiam ouvir. Eu fechava os olhos fingindo dormir e acordava todos os meus sentidos. O meu corpo por inteiro recebia palavras, sons, murmúrios, vozes entrecortadas de gozo ou dor dependendo do enredo das histórias. De olhos cerrados, eu construía as faces de minhas personagens reais e falantes. Era um jogo de escrever no escuro." (CONCEIÇÃO EVARISTO, 2007, p.19)

Conceição Evaristo, no texto citado acima – *Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita* – nos brinda com suas lembranças da infância e de como aprendeu a ler e escrever a partir dos gestos e ensinamentos de sua mãe e de outras mulheres de sua família, que trilhavam os caminhos do não-escrito e daquilo que vinha do cotidiano, do viver, do se ver. Assim, nos apresenta o termo das "*escrevivências"*, pensado para a autoria da fala de mulheres negras escravizadas que "tinham de contar suas histórias para a casa-grande", mas que segundo a própria escritora "não impede que outras pessoas também, de outras realidades, de outros grupos sociais e de outros campos para além da literatura experimentem a *escrevivência*" (1).

O diálogo com a obra de Conceição Evaristo tem sido fundamental para o desenvolvimento da investigação apresentada no presente artigo. Trata-se da produção de (auto)biografias entre alunas/os ingressantes no curso de Pedagogia da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ) e a compreensão das experiências narradas em relação aos seus processos educativos.

A atividade realizada teve seu lócus nas disciplinas de História da Educação I e II, oferecidas no primeiro e segundo períodos, do curso de Pedagogia da FFP/UERJ. O curso, localizado no município de São Gonçalo, no estado do Rio de Janeiro, recebe estudantes no primeiro semestre de cada ano, nos turnos da manhã e noite e, no segundo semestre, no turno da noite, com a oferta de 40 vagas para cada turno. O projeto vem se desenvolvendo junto às

turmas ingressantes desde o período acadêmico de 2022.1 e o trabalho realizado na primeira turma será o objeto do presente texto.

Cabe explicar que a pesquisa é um desdobramento do projeto "Quais histórias de qual educação? Reflexões e possibilidades de ensino, pesquisa e extensão nas disciplinas de História da Educação da Faculdade de Formação de Professores da UERJ" (2). O projeto busca evidenciar, a partir de uma perspectiva histórica, processos e práticas educacionais de sujeitos e grupos invisibilizados por uma produção acadêmica ainda eurocêntrica e tradicional, reconhecendo protagonismos e movimentos do ensinar e aprender diferenciados na história da educação brasileira. Por outro lado, o projeto pretende que as/os estudantes percebam que passado e presente dialogam e que é possível construir interlocuções com seus lugares de inserção e com questões atuais da educação brasileira. Nesse sentido, ao nos aproximarmos das dimensões subjetivas, afetivas e políticas promovidas pelo conceito de escrevivências, intentamos transformar cada participante em sujeito histórico, reflexivo sobre suas relações e sua trajetória anterior à chegada na universidade e das contribuições que podem agregar ao próprio processo de formação.

Para esclarecer a base metodológica desta investigação, partimos da determinação de alguns pressupostos essenciais. O primeiro é a escolha por trabalhar com o método (auto)biográfico nas aulas de História da Educação. Segundo Nóvoa e Finger (2014, p.21), o método "permite uma atenção muito particular e um grande respeito pelos processos das pessoas que se formam", valorizando as experiências dos sujeitos, presentes quase sempre nas relações familiares, religiosas e culturais que os constituem, nos acontecimentos mais significativos do percurso de vida e nas estratégias adotadas para compor seu processo formativo. Do ponto de vista docente, adotar as narrativas (auto)biográficas permite uma maior interação com as alunos e alunos, ressignificando aspectos que serão trabalhados nos textos e nas atividades escolhidas da disciplina e repensando sua própria formação, como nos lembra Pierre Dominicé:

> "o professor-investigador é submetido, no grupo ou quando das suas trocas com os grupos restritos, a uma profundidade de interação que o torna

> responsável pelo que ouve ou lê. Qualquer que seja a sua relação com quem lhe confia o conteúdo de sua biografia educativa, aceita entrar em relação, deixar-se interrogar pelo que ouve, ser interpelado no seu estatuto pelo discurso do qual foi testemunha. Confrontada com a dos outros, a sua própria biografia é posta em questão e interpelada a sua função de professor." (DOMINICÉ, 2014, p.141).

Desse modo, a opção pela pesquisa com (auto)biografias (3), se constitui em processos de (re)descobertas e (re)invenções de si e da prática docente, que provocam aproximações entre a turma, as/os bolsistas do projeto e a professora, além da possibilidade de novos olhares para conteúdos e questões pertinentes à disciplina.

Acentuando a ideia ressaltada por Nóvoa (2014, p.153), de que "a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos da vida", procedemos ao conceito de experiência e seus desdobramentos fundamentados nas leituras do pedagogo e filósofo espanhol Jorge Larrosa. Para esse autor, a experiência não se traduz em conhecimento adquirido por excesso de informações ou reificadas práticas. Larrosa nos lembra que vivemos em um mundo onde a informação nos cerca e nos seduz a todo momento, mas que "estar bem-informados" não significa ter ou viver experiência.

> "depois de assistir a uma aula ou a uma conferência, depois de ter lido um livro ou uma informação, depois de ter feito uma viagem ou de ter visitado uma escola, podemos dizer que sabemos coisas que antes não sabíamos, que temos mais informação sobre alguma coisa; mas, ao mesmo tempo, podemos dizer também que nada nos aconteceu, que nada nos tocou e que com tudo o que aprendemos nada nos sucedeu ou nos aconteceu" (2022, p.19)

Para Larrosa, a velocidade das informações e a "obsessão pela novidade" (p.22) que caracterizam o mundo moderno, impedem a conexão entre os acontecimentos e dificultam a retenção das memórias. E, se não podemos resgatar nossas memórias e ressignificá-las a partir do novo, não teremos experiências. Assim, a experiência, que é "o que nos passa" (2011;2022), na expressão muitas vezes utilizada pelo autor, guarda aproximações com as memórias mais emblemáticas e provoca a possibilidade de ação/transformação dos sujeitos. Além disso, Larrosa (2022, p.32) ressalta que o saber da experiência é "o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao

acontecer do que nos acontece". Para a presente pesquisa, a aproximação inicial com os debates teóricos provocados por Larrosa em uma turma recém-chegada na universidade pública permite que o indivíduo reconheça subjetividades, individualidade (pois duas pessoas não fazem a mesma experiência), relações e apropriações constituintes de seu processo de individualização e socialização, tomando consciência de si e de "suas aprendizagens experienciais quando vive, simultaneamente, os papéis de ator e investigador da sua própria história." (SOUSA, 2006, p.26)

Outro princípio representativo do trabalho é a valorização da *pesquisaformação*, exatamente como a grafia das palavras nos demonstra, duas perspectivas indissociáveis, inerentes, subjetivas. Como nos lembram Bragança e Motta (2019, p. 1036):

> "a opção em juntar as palavras, pluralizá-las e/ou, algumas vezes, invertê-las, ressaltando-as, em itálico, seguem as razões teóricas, bem como os modos como as/os pesquisadoras/es de estudos nos/dos/com os cotidianos criaram para romper com as dicotomias de alguns conceitos, colocados pela ciência moderna, que limitam a compreensão dos mesmos em sua intrínseca relação".

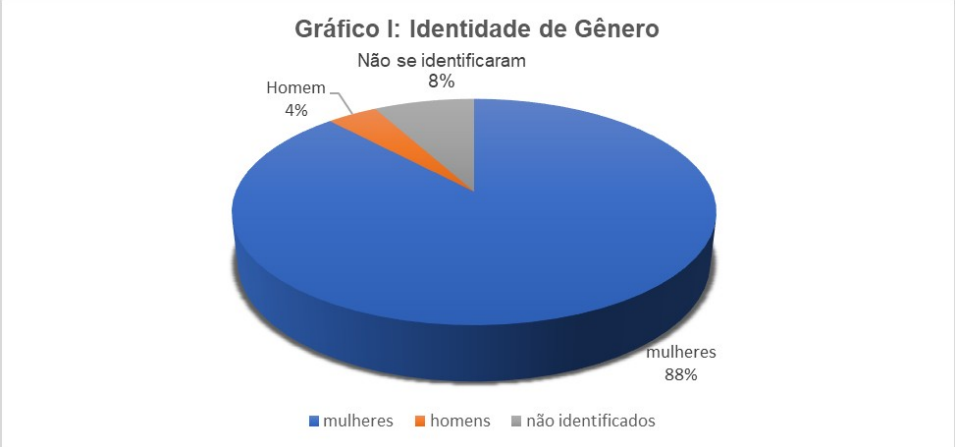
Em confluência com o trabalho das autoras, é preciso concluir que a formação adulta é um processo subjetivo, intencional, que acontece no interior dos sujeitos e ao mesmo tempo em redes de partilhas, e não pode ser determinado por conteúdos prontos, impessoais, fixados pela ciência, mas, sim, narrado por aqueles que, de fato, o sentem e o percebem. (BRAGANÇA E MOTTA, 2019; JOSSO; 2010)

Feitas as considerações iniciais, seguem as partes do artigo. Primeiramente, serão apresentados dados que compõem o perfil da turma onde foi desenvolvida a *pesquisaformação* com as (auto)biografias. Em seguida, a descrição das etapas realizadas e, posteriormente, das narrativas das/os estudantes, escolhidas a partir dos enfoques que dizem respeito aos processos de (auto)biografização da alfabetização/letramento, de escolarização, de relações familiares e escolha pela docência e pelo Curso de Pedagogia.

II – PERFIL DA TURMA DE PEDAGOGIA 2022.1: UM OLHAR INTRODUTÓRIO NAS NARRATIVAS

A pesquisa foi realizada junto à turma do primeiro período (2022.1) do Curso de Pedagogia da Faculdade de Formação de Professores (FFP), durante as manhãs de quartas-feiras, ocasião das aulas de História da Educação I. A primeira aproximação se deu através da aplicação de um questionário impresso preenchido presencialmente ou de um Formulário Google para as/os estudantes que não estavam em sala quando foi distribuído o documento. No questionário constavam questões sobre idade, identidade de gênero, cor/etnia, o processo de escolarização percorrido (rede de ensino fundamental e médio), a forma de ingresso na universidade (vestibular UERJ, ENEM, transferência ou aproveitamento de estudos), escolarização dos pais, tempo e meio de transporte de deslocamento para a faculdade, ocupação de trabalho e experiência no magistério.

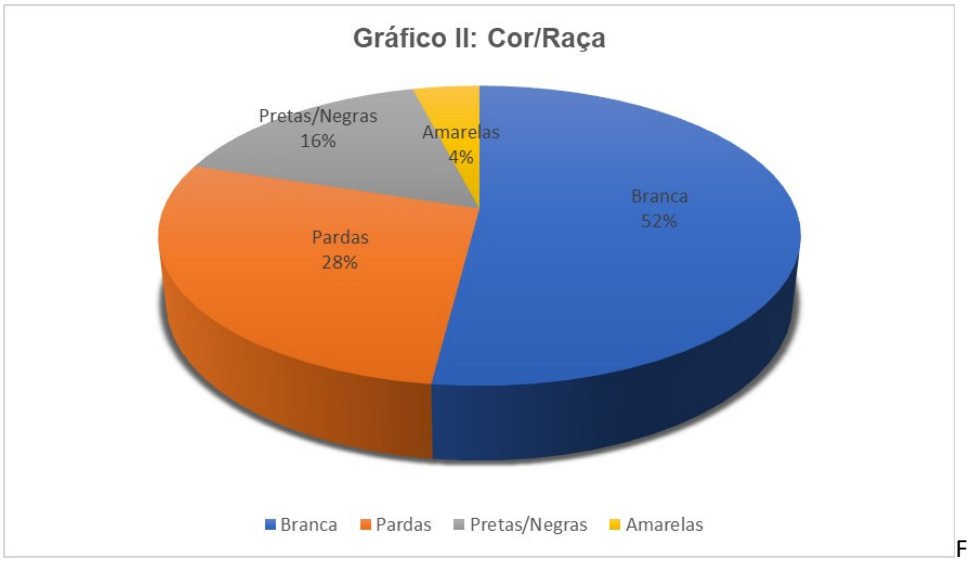
A turma foi formada por 37 estudantes. Destes, 31 eram ingressantes, 6 já cursavam períodos posteriores, mas não tinham cumprido os créditos da disciplina, e 4 abandonaram as aulas ao longo do período (4). Dos 33 alunos que acompanharam todo o processo, 25 preencheram os questionários/formulários e alguns dados iniciais apresentaremos a seguir. Com base nas respostas constatamos que 22 alunas se declararam como gênero feminino, 2 estudantes optaram por não se identificar e um aluno se declarou do gênero masculino.



Fonte: Elaborado pelos autores da pesquisa.

A partir destes dados podemos levantar importantes debates sobre o perfil do curso de pedagogia e articular com pesquisas da área da História da Educação que discutem o processo de feminização do magistério e a produção dos discursos que validam a posição de professora como relacionada ao gênero feminino. Textos como os de Vianna (2002) e Louro (2000) nos ajudam a problematizar essa questão, ao trabalharem diferentes argumentos que são utilizados para vincular a função de professora do magistério primário à uma extensão da maternidade. Como trata louro (2000, p.450, grifos da autora) “se o destino primordial da mulher era a maternidade, bastaria pensar que o magistério representava, de certa forma, “a extensão da maternidade”, cada aluno ou aluna vistos como um filho ou uma filha "espiritual".” Junto a isso, consideramos a baixa presença masculina nas turmas do curso de Pedagogia. Através da leitura dos textos de Rabelo (2013) e Adriana Horta de Faria (2019), discutimos como o gênero masculino, socialmente construído como impaciente, grosso, bruto, irresponsável e, até mesmo, perigoso quando se trata de crianças, se enxerga e é enxergado na profissão e quais os discursos que deslegitimam seu esforço e até mesmo sua sexualidade por conta da escolha de curso.

Os questionários também produziram dados sobre a diversidade étnico racial da turma (5). De acordo com a pesquisa, 13 alunas se identificaram como brancas, 4 como pretas/negras, 7 como pardas e 1 se identificou como amarela. A partir dessas informações, a divisão da turma pode ser apresentada através do seguinte gráfico:



Fonte: Elaborado pelos autores da pesquisa

Dentre muitas possibilidades, estes dados nos permitem ver como a turma possui uma representatividade diversa na questão étnico-racial. Segundo censos do MEC (6) e estudos recentes (SILVA, 2020; SILVA E FERRARI, 2021), essa crescente representação no ensino superior é resultado de políticas afirmativas e da conscientização sobre a importância da diversidade no ambiente acadêmico. Esses processos, por sua vez, vieram de lutas contra a realidade excludente do sistema educacional brasileiro em relação às populações negras, em especial para mulheres negras e, por isso, consideramos tais questões, vinculando-as aos contextos históricos de ausências de políticas públicas e de condições de permanência em processos de escolarização. Respaldando as dificuldades de trajetórias de escolarização, prosseguimos com os dados sobre escolaridade das mães e dos pais das/os alunas/os, observados nos quadros abaixo, demonstrando que muitas/os estudantes representam a primeira geração da família a ingressar na universidade:

Quadro 1: Escolarização das mães

Escolaridade das mães	Respostas
Não frequentaram escola	2
Ensino fundamental incompleto	3
Ensino Fundamental	6

Ensino Médio Incompleto	1
Ensino Médio	6
Ensino superior incompleto	1
Ensino superior	6

Fonte: Elaborado pelos autores da pesquisa

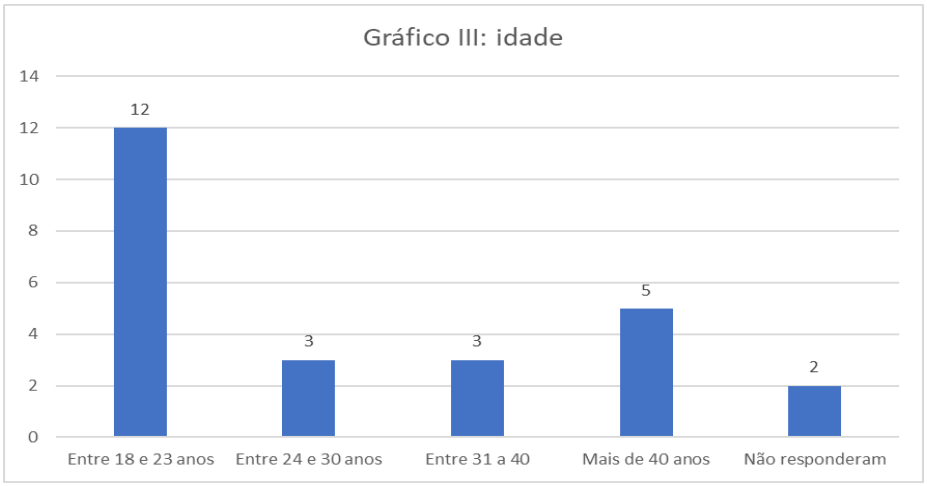
Quadro 2: Escolarização dos pais (7)

Escolaridade dos pais	Respostas
Não frequentaram escola	2
Ensino fundamental incompleto	8
Ensino fundamental	3
Ensino Médio Incompleto	1
Ensino Médio	6
Ensino superior incompleto	1
Ensino superior	3

Fonte: Elaborado pelos autores da pesquisa

De um total de 25 mães, 12 (48%) não concluíram o ensino médio e 06 (24%) obtiveram diploma superior. Observando a escolaridade paterna, 13 (54%) não frequentaram escola ou cursaram até o ensino fundamental e somente 3 pais (12%) completaram o ensino superior.

A faixa etária foi outro aspecto destacado na pesquisa. A turma demonstrou ter um perfil jovem, com 12 alunas/os tendo entre 18 e 23 anos (48%), 3 entre 24 e 30 anos (12%), 3 entre de 30 e 40 anos (12%), 5 possuindo mais de 40 anos (20%) e 2 que optaram por não identificar suas idades (8%).



Fonte: Elaborado pelos autores da pesquisa.

Sobre a própria formação escolar, 7 alunas fizeram curso normal, 5 ensino técnico em diferentes modalidades e 13 cumpriram o ensino médio regular. Esse total nos mostra que 48% das/os estudantes do curso são formados em alguma profissão. Junto a isso, os formulários também indicam que 17 alunas, portanto, mais da metade da turma, trabalham ou já trabalharam em diferentes atividades. Ressaltamos que, deste número, 15 alunas apontaram algum tipo de experiência relacionada à educação, que além da docência - algumas vezes exercida em diferentes espaços educativos, como por exemplo, nas igrejas - envolve o trabalho de secretária escolar, inspetora, mediadoras, bolsista de IC e estágio não curricular.

À primeira vista, estas respostas nos permitem visualizar um perfil da turma ingressante no primeiro período de 2022, onde, na maioria, são mulheres na faixa de idade de 18 a 23 anos. Ao que parece, essa é uma característica recente do curso. Inês Bragança (2010, p.11), em um artigo que trata da caracterização do curso, observou que a faixa etária predominante entre os estudantes, se concentrava entre 26 a 30 anos e 31 a 40 anos. Nossa pesquisa tem registrado a chegada de estudantes mais jovens, vindos recentemente do ensino médio e com novas expectativas em relação ao processo formativo. Visualizamos, também, que 12 estudantes fizeram Curso Normal ou Técnico e que 18 estudantes trabalham ou já trabalharam, o que implica que muitas

alunas/os buscam no curso de Pedagogia, maior qualificação, novos conhecimentos e possibilidades de ascensão financeira e social.

III - A ABORDAGEM (AUTO)BIOGRÁFICA COMO PERCURSO METODOLÓGICO

Após a aplicação e análise das respostas dos questionários/formulários pela equipe da pesquisa, deu-se o início da investigação, objeto do presente texto. Inicialmente, às/aos estudantes foi pedido que trouxessem fotos, objetos e/ou frases para a sala de aula, reportando às lembranças de infância e das respectivas trajetórias escolares. Fotografias com amigos/as, familiares, aniversários, férias na casa das avós, com brinquedos, e registros organizados pelas escolas, como formaturas, datas comemorativas e desfiles públicos ocuparam a sala de aula. Frases com mensagens particularmente escolhidas por cada aluna/o ou repetidas por alguém em momentos que ficaram na memória, compuseram os cartazes dispostos no espaço.

Cada item foi apresentado na turma e, em seguida, construída uma narrativa individual, com a orientação de que "resgatassem memórias", ou seja, escrevessem sobre o seu processo de letramento (8), os momentos e pessoas marcantes nos percursos escolares e/ou em outros espaços formativos, e a sua escolha pelo curso de Pedagogia. A opção pelas narrativas escritas demonstra-se porque nossa intenção é possibilitar uma maior 'imersão' nos pensamentos e, por consequência, no próprio processo de organizar vivências em uma dimensão individual, mas também a partir de percepções do social. Entendemos, com Christine Delory-Momberger (2012, p.524), que

> Nessa interface do individual e do social – que só existem um por meio do outro, que estão num processo incessante de produção recíproca – o espaço da pesquisa biográfica consistiria então em perceber a relação singular que o indivíduo mantém, pela sua atividade biográfica, com o mundo histórico e social e em estudar as formas construídas que ele dá à sua experiência. Para dizê-lo de modo mais sintético: o objeto visado pela pesquisa biográfica, mediante esses processos de gênese socioindividual, seria o estudo dos modos de constituição do indivíduo enquanto ser social e singular.

Convidar as/os alunas/os para que narrem, através da escrita, sobre as suas experiências nos deu a oportunidade de conhecer as relações familiares, religiosas e culturais estabelecidas desde a infância, as aproximações com

práticas educativas e com a docência, as expectativas e o caminho profissional trilhado e o que gostariam de trilhar. Com Larrosa (2022, p.32), sabemos que o saber da experiência detido pelos indivíduos é "particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal" e que cada sujeito atribui valores e importância ao vivido, de uma forma única, tecendo assim sua história e sua identidade profissional.

As narrativas foram enviadas via e-mail e organizadas no drive da pesquisa. A análise foi feita mediante a leitura dos relatos e a criação de categorias que dialogam com temáticas da área da História da Educação. Serviu-nos de base os "eixos de investigação"(9) propostos por Nóvoa (2014), referentes às relações pessoais e familiares que trouxeram impactos para a escolha profissional, aos percursos de produzir e trocar conhecimentos nas instituições escolares ou em outros espaços educativos, e quais motivos levaram a escolha do curso de pedagogia e da FFP.

Houve, ainda, a terceira etapa de interação com a turma. Formados em pequenos grupos, sob a organização da professora e da equipe de pesquisa, as alunas e alunos realizaram entrevistas semiestruturadas. As entrevistas gravadas no celular, com consentimento das/os participantes, também constam do drive da pesquisa. A análise de dados foi feita mediante a transcrição dos áudios das conversas. Depois, em reuniões da pesquisa, foi realizada a avaliação da atividade e o retorno à turma, dialogando principalmente na perspectiva dos temas previstos no plano de curso da disciplina.

IV – TRAJETÓRIAS DISCENTES: NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS SOB O OLHAR DA HISTÓRIA DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Através da produção das (auto)biografias na turma de História da Educação I, inspirada na literatura das "escrevivências" de Conceição Evaristo, tivemos a oportunidade de conhecer muitas trajetórias pessoais e observar como caminhos diferentes levaram a um mesmo lugar: o curso de pedagogia na FFP/UERJ. Ao retornarmos aos "eixos de investigação" propostos por Nóvoa (2014), articulando com as temáticas das aulas e à leitura do material disponibilizado na pesquisa,

selecionamos as experiências das alunas/os relacionadas aos processos de alfabetização e letramento, de escolarização, a interação com professores/as, o apoio das famílias para as escolhas profissionais e a chegada à universidade pública. Nas conversas com a turma, garantimos o anonimato das/os participantes e, portanto, a identificação foi feita pelas iniciais dos nomes de cada um/a.

Muitos relatos, em seu início, abordaram o processo de alfabetização e letramento, o encantamento com um novo universo sendo descoberto, o interesse por livros e a curiosidade por trás das primeiras palavras lidas. Em suas narrativas, as/os alunas/os nos contam que:

RA: *"Cresci numa casa cheia de livros, revistas, histórias em quadrinhos, gibis, livros didáticos, etc. Fui uma criança muito incentivada ao hábito da leitura. Desde pequena minha família me presenteava com livros."*

LR: *"(...) toda palavrinha lida era um sorriso ou um beijinho que eu recebia dos meus pais e acredito que por causa desses momentos, aprendi que a leitura é movida por afetos."*

SM: *"Não sei explicar como, mas consegui aprender a ler, pois a curiosidade em saber o que a minha mãe escrevia nos bilhetes que mandava para o padeiro, o quitandeiro e o açougueiro, onde eu ia pegar as encomendas, era grande. Tenho a impressão que a CURIOSIDADE foi o fator preponderante para meu aprendizado."* (grifo da aluna).

LR: *"Mamãe me contou que desde muito pequena eu me interessava por livros e que os motivos eram óbvios, já que meu pai sempre foi leitor e me cercava de literatura infantil como forma de presentear. Foi olhando e ouvindo meu pai ler seus gibis, que comecei a me interessar por leitura, o que me levou, posteriormente, à uma explicadora do bairro com meus cinco anos."*

MM: *"A escola ficava muito distante de nossa casa, e por isso talvez só fui à escola com nove anos de idade, mas quando lá cheguei sabia ler, aprendi com uma professora amiga da minha família."*

Através das narrativas acima, podemos destacar que algumas alunas chegaram na escola sabendo ler, enquanto outras vivenciaram o processo na instituição escolar. A alfabetização, não raras vezes, acontecia junto da mãe, irmã mais velha e/ou junto a professora "amiga da família", que em alguns casos poderia ser uma vizinha, conhecida como professora explicadora, que dava aulas individuais ou coletivas em sua casa, e era reconhecida na localidade. Muitos desses relatos se aproximam de histórias de mulheres na educação brasileira. A própria Conceição Evaristo, como vimos no início do artigo, narra seu letramento no mundo a partir de suas vivências, em especial, junto às mulheres negras de seus laços familiares.

Para além de pensar especificamente nos processos de alfabetização e letramento, devemos olhar para os relatos dos processos de escolarização de forma mais geral, seja por lembranças felizes ou, por outras, que reportaram momentos de dificuldades nos espaços escolares. Escolher esses relatos em uma atividade (auto)biográfica demonstra o quanto cada episódio ficou marcado na trajetória, como podemos observar em alguns trechos abaixo:

MC: *"A escola criou marcas em mim que carrego até hoje, a vontade de transmitir conhecimentos, de aprender, de criar laços com meus futuros alunos como um dia criei e ainda tenho há criar com meus professores."*

SM: *"Quem não conseguia decorar a tabuada, ou não fizesse o dever de casa, ficava de castigo em pé olhando para a parede, ganhava um "bolo" em cada mão (palmada); e ainda levava para casa a tarefa de fazer 50 ou 100 vezes a palavra escrita que estivesse errada."*

LF: *"Lembro de uma vez quando terminei de copiar um texto que a professora tinha passado, fui mostrar para receber o visto e a professora super arrogante gritou que eu copiei errado, sem me dizer qual seria o erro. Apaguei e copiei mais uma vez, novamente recebi um negativo da professora, dessa vez ela disse que eu não estava pondo o parágrafo, e eu nem sabia o que era isso. Sentei e uma colega logo me cutucou e disse que eu deveria dar um espaço no começo do texto."*

Se o primeiro relato determina o impacto positivo da escola na vida da aluna, os demais rememoram punições, castigos, situações de constrangimento, inúmeras vezes apontados na literatura e nas fontes da história das instituições escolares.

Outro conjunto considerável de narrativas assinalam o convívio com a família, casamento e nascimento dos filhos como acontecimentos marcantes na vida. Destacamos a apresentação da família como apoio indispensável à escolha acadêmica e/ou profissional. Muitas/os estudantes ressaltam o quanto o incentivo familiar foi importante na sua trajetória e como determinou de forma positiva a relação com a educação e a profissão:

LR: *"A educação sempre fez parte de mim, uma vez que já havia percebido, através da minha mãe, a essência de uma educação libertária. Não nasci em um lugar cercado de oportunidades do Estado e nem com pessoas letradas, porém por meio dos afetos dos meus pais, pude transferir essas vivências para um lugar comum: a educação."*

LS: *"Continuando meus estudos ouvia meu pai dizer que a profissão de professora era muito bonita e respeitada."*

GF: *"Minha mãe também é professora, então a maioria das coisas que eu lembro foram dela me ensinando, me ajudando nos deveres, fazendo atividades para trabalhar caligrafia; ela foi, sem dúvidas, quem mais me ensinou no período escolar, por mais que ela estivesse muito tempo ocupada e fora de casa, e quando estava, estudava muito, mesmo assim ela fazia o possível para me ajudar em minhas atividades e em tudo o que eu não entendia."*

MC: *"Minha mãe, muito jovem, sempre me incentivou ao estudo, me ajudava fazer o dever de casa, trabalhos, tinha o prazer de sentar comigo nesses momentos, tornando ainda melhor."*

SS: *"A geração da minha mãe e tias, todas estiveram na universidade. Das seis, três são professoras, disso eu me lembro, desde muito criança, desejar ser professora assim como elas."*

DR: *"Quando sentia dúvidas, recorria a minha irmã mais velha que já estava no ensino médio, ela foi muito importante nesse processo também."*

RA: *"Em casa, minha tia completava o trabalho da escola de me alfabetizar. Todos os dias eu chegava da escola, tirava o uniforme, tomava banho, jantava e ia para a mesa da sala fazer o dever de casa com o auxílio dela. E assim fui aprendendo a ler e escrever."*

A partir desses trechos podemos também refletir, junto com Larrosa (2022), sobre a singularidade da experiência, pois possuir familiares na área da educação não determina que todos da família deveriam seguir a carreira. Além disso, não podemos deixar de notar o protagonismo feminino presente em diversas trajetórias, com mães, irmãs e tias incentivando e auxiliando na medida do possível em relação ao tempo e esforço empreendidos.

Além das relações familiares, muitos estudantes também citaram, em suas narrativas escritas e nas entrevistas, a importância de algum/a professor/a na sua jornada e como a admiração os levou ao caminho da docência. Josso (2020), nos ajuda a refletir sobre diferentes tipos de experiências. No caso específico da relação com algum professor, podemos refletir sobre como essas relações são valiosas e que podem levar ao caminho do magistério, observando os trechos abaixo:

VM: *"Além de me aproximar do que gostava, ficava cada vez mais perto de professores que eu amava e que me marcaram, desde o ensino das letras e palavras, até coisas mais complexas. E foi essa proximidade de grandes exemplos de professores, que me apaixonei pela educação e sentia que outras crianças deveriam experienciar o mesmo que eu. Ter ao seu lado educadores que lhe apoiem e ajudem quando precisem."*

MC: *"Eu gostava tanto da escolinha e tudo que lá aprendia, que chegava em casa e "dava aulas" para minha família, o desejo pelo magistério surgiu desde que conheci uma sala de aula."*

RT: *"Tive bons professores na escola primária, mas a professora de artes se destacava por causa da liberdade que ela nos dava para escolher as cores e como iríamos pintar as nossas atividades."*

Por fim, podemos observar diferentes argumentos sobre a escolha pelo curso de pedagogia, destacando as diferentes experiências que levaram até a decisão:

SS: *"De certa forma, em minha família, pude conviver com livros e estudo, até porque o conhecimento representava a única alternativa para sairmos da pobreza vivida por meus pais e avós, tanto maternos quanto paternos mesmo em situações distintas. Meus pais viveram coisas que eu nunca experimentei, porque estudaram e tiveram melhores oportunidades devido a isso, ou seja, o estudo na minha família já era "obrigatório"."*

JP: *"Surgiu a oportunidade de trabalhar na educação infantil em uma escola perto da minha casa e a partir disso decidi cursar Pedagogia, porque através desse curso poderia levar meu filho para o mesmo ambiente que eu, ele ficaria na mesma escola na qual eu iria trabalhar."*

AP: *"Não foi por gostar de escrever que me trouxe à universidade ou escolher Pedagogia. Chegar a universidade e em um curso de licenciatura foi mais uma eliminação de preferências que qualquer outra coisa."*

MA: *"Queria estudar pedagogia para fazer a diferença na vida dos alunos e mostrar que mesmo diante de dificuldades, é possível vencer, avançar."*

JS: *"Em 2019 consegui um trabalho na secretaria de uma escola do meu bairro, a qual trabalho atualmente. Aqui comecei a ter mais contato com a educação e me apaixonar pela área. Então decidi pela Pedagogia, depois de anos confusa com a profissão que eu gostaria de seguir."*

Na maior parte dos relatos, a decisão de frequentar a universidade tem vínculos com as relações familiares estabelecidas e as possibilidades de conciliação com atividades do trabalho. As respostas pela escolha do curso passaram por influência das famílias e pela busca de melhores oportunidades de trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa segue em sua caminhada. Insistimos no método (auto)biográfico desde o período de 2022.1 em turmas do turno da manhã e noite da Faculdade e algumas conclusões já podem ser compartilhadas. Parte da avaliação realizada vem dos resultados obtidos e do retorno dado pelas/os alunas/os envolvidos. Em primeiro lugar, chama a atenção o reduzido número de evasão observado até aqui. A chegada à universidade provoca dúvidas em relação à orientação nos estudos, ao funcionamento do curso, a participação em atividades de extensão e pesquisa, e temos atuado no sentido de envolvimento com as turmas e esclarecimento das questões que nos são apresentadas. Muitas alunas têm nos relatado a proximidade com colegas da turma a partir das histórias de vida relatadas, facilitando as trocas nos debates e atividades promovidas nas aulas.

Reafirmamos que a produção das narrativas enquanto atividade (auto)biográfica produz reflexão, cria laços de aproximação e possibilita a/ao professor/a adentrar nas situações e refletir sobre elas, no diálogo constante entre os acontecimentos narrados pelas/os alunas/os, aqueles percebidos na sala de aula e, na perspectiva histórica, com sujeitos e temas estruturantes da educação brasileira.

(Auto)biographical narratives in History of Education classes: methodological and training paths on the pedagogy course at the FFP/UERJ

ABSTRACT

This article has the objective to describe a research-formation experience that took place within the scope of debates and activities in the History of Education classes of the Pedagogy Course at the Faculty of Teacher Training at the State University of Rio de Janeiro.This is an investigation, based on the approach of life histories, which has the purpose of accompanying the experiences retained by students entering the university about their educational trajectories and the choice to graduate in Pedagogy. It is stated here that the (auto)biographical narrative brings contributions to the area of History of Education as memories and ways of conceiving the learning processes themselves, schooled or not, that are recurrent in the practices that demarcate the history of school and Brazilian education. In addition to the possibilities of dialogue with themes in the area, a wide production in educational research has shown how (auto)biography processes in initial training collaborate to give meaning to experiences and choices lived, which can contribute to the training process and teaching practice. With regard to methodological references, we rely on the work of Conceição Evaristo (2007), Larrosa (2011;2022), Nóvoa and Finger (2014), Josso (2010;2020); Motta and Bragança (2019).

Keywords: History of education. (auto)biographies. Teacher training. Research-training. Pedagogy course

Narrativas (auto)biográficas en las clases de Historia de la Educación: caminos metodológicos y formativos en el curso de Pedagogía de la FFP/UERJ

RESUMEN:

Este artículo tiene como objetivo la descripción de una experiencia de investigación y formación ocurrida en el ámbito de los debates y actividades de las clases de Historia de la Educación del Curso de Pedagogía de la Facultad de Formación de Profesores de la Universidad del Estado de Río de Janeiro. Se trata de una investigación basada en el enfoque de las historias de vida, que tiene el propósito de seguir las experiencias retenidas por estudiantes ingresantes en la universidad sobre sus trayectorias educativas y la elección del Corso de Pedagogía. Se afirma aquí que la narrativa (auto)biográfica aporta contribuciones al área de la Historia de la Educación, ya que emergen recuerdos y formas de concebir los propios procesos de aprendizaje, escolarizados o no, que son recurrentes en las prácticas que marcan la historia de la escuela y la educación brasileña. Además de las posibilidades de diálogo con temas del área, una amplia producción en las investigaciones educativas ha demostrado cómo los procesos de (auto)biografización en la formación inicial colaboran para dar sentido a las experiencias y lecciones vividas, que pueden contribuir al proceso formativo y a la práctica docente. En cuanto a los referentes metodológicos, nos basamos en los trabajos de Conceição Evaristo (2007), Larrosa (2011;2022), Nóvoa y Finger (2014), Josso (2010;2020); Motta y Bragança (2019).

Palabras llave: Historia de la educación. (auto)biografías. Formación de profesores. Investigación-formación. Curso de Pedagogía

NOTAS

1 A explicação para o conceito de escrevivências está na fala de Conceição Evaristo em entrevista concedida à Tayrine Santana e Alecsandra Zapparoli (2020).

2 O projeto foi contemplado no edital do Programa PRODOCÊNCIA da UERJ e iniciado em junho de 2022 com a participação de 05 bolsistas graduandos das licenciaturas de História, Letras e Pedagogia do campus da FFP

3 Trabalhamos no artigo com a expressão (auto)biografia com o (auto) entre parênteses. Compartilhamos da análise realizada por PASSEGGI e SOUZA (2017, p. 11) de que tal opção, utilizada mais comumente nas pesquisas nas áreas da

sociologia e educação, chama a atenção para a evidência do eu, a dimensão subjetiva do método e "sinaliza a partilha entre a pessoa que narra e o pesquisador que a escuta". Além disso, consideramos que a palavra entre parênteses reflete a intervenção do/a pesquisador/a na seleção, organização e publicação das narrativas.

4 Ressalte-se que um dos objetivos do projeto é acompanhar alunos e alunas recém-chegadas na universidade contribuindo para evitar a evasão na graduação nesse primeiro momento.

5 Para a pesquisa, as/os alunas/os se identificaram de acordo com a classificação racial gerada do IBGE (Preto/Negro, Amarelo, Branco e Pardo).

6 Os censos feitos pelo MEC podem ser conferidos no seguinte site: https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-da-educacao-superior/resultados

7 Uma aluna não soube responder a perguntar, perfazendo um total de 24 respostas

8 Sobre letramento, em aula anterior ao trabalho desenvolvido, inserido em uma unidade do plano de curso que discute processos de letramento de mulheres negras escravas e livres no Brasil, trabalhamos com o texto de Magda Soares (1998, p.3), que define: "(...) a pessoa que aprende a ler e a escrever - que se torna alfabetizada - e que passa a fazer uso da leitura e da escrita, a envolver-se nas práticas sociais de leitura e de escrita - que se torna letrada - é diferente de uma pessoa que ou não sabe ler e escrever - é analfabeta - ou, sabendo ler e escrever, não faz uso da leitura e da escrita - é alfabetizada, mas não é letrada, não vive no estado ou condição de quem sabe ler e escrever e pratica a leitura e a escrita"

9 São eles: estruturação e ciclos; mapa das relações; espaços e meios sociais, percurso escolar e educação não formal, formação contínua e origem social (Nóvoa, 2014, p. 163)

REFERÊNCIAS

BRAGANÇA, Inês. Curso de Pedagogia: Histórias de vida e formação de professores/as. **Revista Eletrônica Pesquiseduca**. v.2, n.3, jan-jun. 2010. Disponível em: https://periodicos.unisantos.br/pesquiseduca/article/view/50/pdf. Acesso em 19 jul.2023

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica Universidade de Paris. Tradução de Anne-Marie Milon Oliveira. Revisão técnica de Fernando Scheibe. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, n. 51, p. 535-

536, set./dez. 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbedu/a/5JPSdp5W75LB3cZW9C3Bk9c/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 17 jul. 2023

DOMINICÉ, Pierre. A biografia educativa: instrumento de investigação para a educação de adultos. In: NÓVOA, Antonio e FINGER, Matthias (orgs). **O método (auto)biográfico e a formação**. 2ª ed. Natal: EDUFRN, 2014. p. 133-141

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, MARCOS Antonio. **Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. BH: Mazza Edições, 2007. p. 16-21

FARIA, Adriana Horta et al. Docência masculina e memórias de gênero na educação da infância. **Inter-Acao**, v. 44, n. 1, 2019. Disponível em: https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/48958. Acesso em: 22 jul. 2023.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). Resumo Técnico | **Censo da Educação Superior 2020**, Brasília: MEC, 2020.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. 3ª ed., São Paulo: PAULUS; Natal: EDUFRN. 2010

_____. Histórias de vida e formação: suas funcionalidades em pesquisa, formação e práticas sociais **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 05, n. 13, p. 40-54, jan./abr. 2020. Disponível em: https://revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/8419. Acesso em: 31 jul. 2023.

LARROSA, J. Experiência e alteridade em educação. **Reflexão & Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 19, n.2, p. 4-27, 2011. Disponível em: https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/2444. Acesso em 17 de julho de 2023.

_____. **Tremores: escritos sobre a experiencia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

LOURO, Guacira. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary del e BASSANEZI, Carla. **História das mulheres no Brasil**. SP: Contexto, 2000, p. 443-479

MOTTA, T. da C.; BRAGANÇA, I. F. de S. Pesquisaformação: uma opção teórico metodológica de abordagem narrativa (auto)biográfica. Artes de dizerfazerdizer os saberes da experiência. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, *[S. l.]*, v. 4, n. 12, p. 1034–1049, 2019. DOI: 10.31892/rbpab2525-426X.2019.v4.n12.p1034-1049. Disponível em: https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/6191 . Acesso em: 29 jun. 2023.

NÓVOA, Antonio; FINGER, Matthias (orgs). **O método (auto)biográfico e a formação**. 2ª ed. Natal: EDUFRN, 2014.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de. O Movimento (Auto)biográfico no Brasil: Esboço de suas Configurações no Campo Educacional. **Revista Investigación Cualitativa**, 2(1) pp. 6-26, 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Maria-Passeggi-2/publication/342824263_ENFOQUES_NARRATIVOS_EN_LA_INVESTIGACION_EDUCATIVA_BRASILENA/links/61def0d43a192d2c8af70e56/ENFOQUES-NARRATIVOS-EN-LA-INVESTIGACION-EDUCATIVA-BRASILENA.pdf Acesso em 29 de julho de 2023

RABELO, Amanda. "Debates sobre gênero na docência: o professor do sexo masculino nas séries iniciais do Rio de Janeiro-Brasil e Aveiro-Portugal." **Educar em Revista** (2013): 207-234. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0104-40602013000200013 Acesso em 31 de julho de 2023

SANTANA, Tayrine; ZAPPAROLI, Alecsandra. *Conceição Evaristo* - "A escrevivência serve também para as pessoas pensarem". **Itaú Social**, 2020 Disponível em: https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/. Acesso em 27 de julho de 2023.

SILVA, Kelly; FERRARI, Anderson. Narrativas e histórias de mulheres negras ex - cotistas do Curso de Pedagogia. **Educação em Foco**, ano 24, n. 44, set./dez. 2021, p. 212-229. Belo Horizonte (MG). Disponível em: https://revista.uemg.br/index.php/educacaoemfoco/article/view/5130/3881

SILVA, Tatiana Dias. Ação afirmativa e população negra na educação superior: acesso e perfil discente. **Texto Para Discussão**, N° 2569. Rio de Janeiro, Institute for Applied Economic Research *IPEA*, 2020.

SOARES, Magda. **O que é letramento e alfabetização**. 1998. Disponível em: http://smeduquedecaxias.rj.gov.br/nead/Biblioteca/Forma%C3%A7%C3%A3o%20Continuada/Artigos%20Diversos/O%20que%20%C3%A9%20letramento%20e%20alfabetiza%C3%A7%C3%A3o.pdf . Acesso em 27 de julho de 2023

SOUSA, Elizeu Clementino de. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 25, n. 11, p. 22-39, jan./abr. 2006. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/8285 Acesso em 12 de Julho de 2023

VIANNA, Cláudia Pereira. O sexo e o gênero da docência. **Cadernos Pagu**, p. 81-103, 2002. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0104-83332002000100003 Acesso em 23 de junho de 2023.

Recebido: 1 agosto 2023
Aprovado: 07 set. 2023
DOI: 10.3895/rtr.v8n0.17386